



OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE

CAMPANHA
CONSTRUINDO CIDADES RESILIENTES



MINHA CIDADE ESTÁ SE PREPARANDO!

Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes”, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 10/08/2020



ONU News

Sucesso do Uruguai no combate à Covid-19 é tema de artigo no FMI

O “segredo do sucesso do Uruguai contra a Covid-19”. Este é o título de um artigo de opinião, publicado no blog do Fundo Monetário Internacional, FMI, nesta segunda-feira.

As economistas Natasha Che e S. Pelin Berkmen, que assinam o artigo, afirmam que o Uruguai tomou as medidas certas que levaram aos baixos níveis de contaminação. Desde maio, o país sul-americano registra menos de 10 novos casos por dia.

Tendência contrária o movimento da curva da Covid-19 na América Latina, que se tornou o epicentro da pandemia.

Tendência contrária o movimento da curva da Covid-19 na América Latina, que se tornou o epicentro da pandemia. Foto: © Unicef/Yareidy Perdomo

Faixa etária

A tendência contrária o movimento da curva da Covid-19 na América Latina, que se tornou o epicentro da pandemia, segundo a Organização Mundial da Saúde, OMS.

Para as economistas do FMI, o governo do Uruguai agiu rápido ao anunciar uma emergência nacional, cancelar eventos públicos, fechar as fronteiras e impor quarentena obrigatória a todos os viajantes de países com números altos da infecção. Essas medidas foram tomadas duas semanas antes de os primeiros casos serem notificados no país, o que ocorreu em meados de março.

Uma das maiores preocupações das autoridades era com cidadãos de mais de 65 anos de idade, considerados população de risco. O Uruguai é o país com maior número de pessoas nessa faixa etária, na América Latina.

Campanhas

Por causa do bom resultado, 250 mil alunos puderam retornar às aulas em 29 de junho.

O país jamais decretou o confinamento obrigatório. Para as especialistas, o sucesso das medidas de contenção do vírus é resultado de um pacote de medidas levadas a cabo. Entre elas, uma campanha de conscientização sobre higiene e cuidados de saúde. Logo no início, o governo uruguaio formou um conselho de médicos e cientistas que coordenou ações com o setor privado. O acesso às escolas e shoppings centers foi fechado pelo governo federal, que iniciou testagem e rastreamento para evitar a propagação da Covid-19.

As autoridades locais também incentivaram o uso de máscaras, um dos primeiros países da América Latina a fazê-lo, e na área de comunicação, os uruguaio contam com atualizações diárias e um aplicativo de celular para se manterem informados.

O FMI ressalta que o “aplicativo móvel Coronavírus UY permite o monitoramento de casos e emite alertas se o usuário entrar em contato próximo com pessoas que testaram positivo.”

Por causa do bom resultado, 250 mil alunos puderam retornar às aulas em 29 de junho. Pnud Uruguai/Pablo La Ros

Por causa do bom resultado, 250 mil alunos puderam retornar às aulas em 29 de junho.

Confiança no governo

Um outro aspecto evidenciado pelo blog para o “sucesso uruguaio no combate à Covid-19” é “o elevado nível de coesão social e confiança no governo garantiu um apoio generalizado às medidas de contenção e um alto grau de penetração das campanhas incentivando as pessoas a trabalhar de casa e as empresas a fechar as portas.”

A medida teve amplo apoio dos empresários e empregadores incluindo do setor do turismo, uma importante fonte de renda para o país. O Parlamento também aderiu aprovando a criação do Fundo Coronavírus que levou recursos para combater a pandemia com uma prestação de contas transparente.

Desde maio, Uruguai tem menos de 10 novos casos por dia. Unicef/UN0343152/Pazos
Desde maio, Uruguai tem menos de 10 novos casos por dia.

Políticos reduziram seus salários

Para ajudar, o presidente do país, integrantes do gabinete e funcionários públicos de alto escalão decidiram reduzir seus salários para financiar o fundo, que também contou com apoio de todos os partidos políticos uruguaios.

O blog finaliza lembrando que a assistência médica de qualidade no Uruguai, onde a saúde representa mais de 20% dos gastos do governo contra a média de 12% da América Latina tem disso fundamental para controlar o novo coronavírus.

Um outro pilar foi o auxílio desemprego para socorrer os trabalhadores afetados pelas consequências econômicas da pandemia. Para as autoras do artigo, a baixa densidade populacional, especialmente na capital uruguaia Montevideú também ajudou a manter o vírus sob controle.

FONTE: https://news.un.org/pt/story/2020/08/1722182?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=5f36a76da8-

EMAIL_CAMPAIGN_2020_08_06_12_00&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-5f36a76da8-105027597



OPAS alerta para interrupções nos serviços regulares de saúde devido à COVID-19

Os serviços de saúde nos países das Américas estão sendo interrompidos à medida que profissionais de saúde são redirecionados para atender pacientes com COVID-19. Além disso, as pessoas estão hesitando em procurar atendimento de rotina devido ao medo de infecção e as cadeias globais de fornecimento de medicamentos e equipamentos estão prejudicadas, alertou nesta terça-feira (4) a diretora da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), Carissa F. Etienne.

“Sem médicos e enfermeiros disponíveis para oferecer outros serviços essenciais no primeiro nível de atenção – incluindo atendimento relacionado à gestação e gerenciamento de condições crônicas como diabetes ou doenças infecciosas como HIV, TB e malária –, esses serviços foram severamente interrompidos ou pior ainda, pararam por completo”, explicou Etienne na coletiva de imprensa semanal da OPAS.

A região permanece sob forte atenção. Em 3 de agosto, as Américas contabilizavam mais de 9,7 milhões de casos e mais de 365 mil mortes. “E esses números continuam a aumentar”, afirmou a diretora da OPAS.

“Mais de um quarto dos países suspenderam campanhas de vacinação de rotina. Semanas ou meses de interrupção aumentarão o risco de surtos de doenças evitáveis por vacinas, revertendo nossas tendências de longa data na região”, pontuou Etienne.

Em 27 países, metade dos programas de diabetes e hipertensão da atenção primária foi interrompida, mostra pesquisa, e as visitas relacionadas à gestação caíram 40%. Hoje, 11 países das Américas têm menos de três meses de fornecimento de antirretrovirais. “Se estes não forem reabastecidos em breve, as pessoas que vivem com HIV podem ter que interromper o tratamento. A falta desses suprimentos simplesmente não é uma opção”, afirmou a diretora da OPAS.

Uma resposta prolongada a esta pandemia deve incluir o fornecimento de outros serviços essenciais para salvar vidas, defendeu Etienne. “Os países devem evitar pensar que precisam fazer uma escolha entre reabrir economias e proteger a saúde e o bem-estar de seu povo”.

A OPAS está pedindo aos países que se adaptem a essa nova situação para “reestruturar como os cuidados essenciais são prestados e investir no primeiro nível de atenção, usando telemedicina, visitas domiciliares e programas de extensão comunitária para apoiar populações vulneráveis”.

Ao mesmo tempo, também devem mitigar os efeitos da COVID-19. “Esta não é uma escolha, os governos devem encontrar esse equilíbrio cuidadoso para a saúde pública”, disse a diretora da OPAS.

“Os países podem responder à COVID-19 fornecendo testes e rastreamento de contatos, além de oferecer outros serviços essenciais, como imunização e apoio à saúde mental. Uma abordagem integrada economiza tempo e recursos dos pacientes, melhorando a qualidade dos cuidados que eles recebem”, disse ela.

“Os investimentos em atenção primária à saúde também melhoram a eficiência, reduzem os custos de cuidados de saúde e permitem que hospitais e comunidades expandam a capacidade em outras áreas de atendimento”.

“Enquanto continuamos esse caminho em direção à saúde universal, precisamos garantir que nossos sistemas de saúde sejam resilientes e que tenham os recursos, suprimentos e profissionais de saúde necessários para combater uma pandemia, além de manter as pessoas saudáveis e protegidas de outras doenças”, concluiu Etienne.

FONTE: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6244:diretora-da-opas-alerta-para-interruptoes-nos-servicos-regulares-de-saude-devido-a-covid-19&Itemid=812



OPAS adverte contra uso de produtos à base de cloro como tratamento para a COVID-19

A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) emitiu um alerta contra o uso de produtos à base de cloro como tratamentos para a COVID-19.

“A OPAS não recomenda o uso oral ou parenteral – intravenosa, intra-arterial, intramuscular e subcutânea – de dióxido de cloro ou produtos com clorito de sódio para pacientes com suspeita ou diagnóstico da COVID-19 ou para qualquer outra pessoa. Não há evidências de sua eficácia e a ingestão ou inalação de tais produtos pode causar graves efeitos adversos”, alertou o documento.

A OPAS recomenda que a população evite consumir produtos que contenham dióxido de cloro ou substâncias relacionadas (hipoclorito de sódio e alvejante, por exemplo) e que toda a comercialização desses produtos para fins terapêuticos seja notificada às autoridades.

Desde o início da pandemia da COVID-19 neste ano, “numerosos produtos contendo dióxido de cloro ou seus derivados foram comercializados isoladamente ou em combinação com outros produtos com falsas alegações de que podem curar a COVID-19 e doenças associadas”, explicou a OPAS no alerta.

O dióxido de cloro, um gás usado como alvejante nas estações de tratamento de água, e o hipoclorito de sódio, um desinfetante comercializado como alvejante doméstico, podem ser tóxicos se ingeridos e causar vários efeitos adversos.

Os ministérios da saúde e as autoridades reguladoras de pelo menos nove países das Américas, incluindo a Administração de Medicamentos e Alimentos dos EUA (FDA, sigla em inglês), juntamente com redes de centros de controle de venenos e a Rede Argentina de Centros de Informação sobre Medicamentos, emitiram alertas sobre os riscos à saúde do consumo de dióxido de cloro ou clorito de sódio e alertaram sobre a comercialização de produtos “milagrosos” não comprovados para prevenir ou tratar a COVID-19.

A OPAS recomenda que as autoridades de saúde facilitem a notificação de eventos adversos relacionados a essas substâncias e emitam os alertas e ações regulatórias necessários, incluindo possíveis sanções, a fim de evitar a recorrência de tais eventos.

FONTE: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52515/PAHOMSPHECOVID-19200040_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y&ua=1



Pandemia de Covid-19 causou severa redução de serviços básicos de saúde

A Organização Mundial da Saúde, OMS, afirma que serviços de saúde estão sendo afetados em todo o mundo por causa da crise gerada pela Covid-19.

A agência da ONU pesquisou a situação de 103 países entre maio e julho e constatou que quase sete em cada 10 nações foram severamente impactadas em atendimentos de planejamento familiar e contraceptivos. Metade das consultas pré-natal foi cancelada e houve interrupção em mais de 30% dos serviços de parto.

Tedros falou sobre a redução de campanhas de imunização, testes para diagnóstico de câncer e serviços de saúde mental.

Tedros falou sobre a redução de campanhas de imunização, testes para diagnóstico de câncer e serviços de saúde mental. Foto: OMS/Christopher Black

Outras doenças

Nesta segunda-feira, o diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus, informou que mais de 17,6 milhões de casos e 680 mil mortes foram confirmados no mundo. Seis meses depois da agência declarar a Covid-19, uma emergência internacional de saúde pública.

Uma das preocupações da OMS é o impacto que a pandemia está tendo sobre o tratamento de outras doenças.

Tedros falou sobre a redução de campanhas de imunização, testes para diagnóstico de câncer e serviços de saúde mental.

No sábado, o Comitê da OMS decidiu prolongar o estado de emergência internacional para a Covid-19. O grupo fez várias recomendações aos países para continuarem com medidas de controle do vírus.

Curva

A agência acredita que aumentar o compromisso político e a liderança de estratégias nacionais pode ajudar a conter a pandemia assim como uma resposta baseada em dados científicos e experiência.

Tedros também ressaltou uma piora da situação em países que aparentavam ter controlado a curva de contaminação.

O Comitê da OMS diz que os países têm decisões difíceis a tomar para combater a Covid-19. O grupo encoraja os membros da OMS a participarem de ensaios clínicos, a se prepararem para tratamentos e para a introdução de uma vacina, e a adotarem o Acelerador de Ferramentas de Acesso à Covid-19 (ACT), apresentado pela agência.

Alguns projetos de vacina já estão na fase 3, a de testes clínicos, mas segundo a OMS não existe uma solução mágica e talvez jamais surja uma.

Criança usa máscara em Joanesburgo, na África do Sul. Unicef/Shiraz Mohamed
Criança usa máscara em Joanesburgo, na África do Sul.

Máscaras de proteção

Por isso, o diretor-geral afirma que a testagem, o isolamento e o tratamento de pacientes além de rastreamento e quarentena de contatos continuam sendo o melhor passo no combate à doença.

Tedros Ghebreyesus também informa que se comunicar com a população, dar autonomia às pessoas e ouvir as comunidades fortalecem a luta contra a Covid-19.

Ele insiste no distanciamento físico, na utilização de máscaras de proteção e na lavagem regular e higiene das mãos. Um outro fator importante é tossir de forma segura sem contaminar quem está próximo.

A OMS acredita que os governos precisam fazer tudo isso e fortalecer os sistemas de saúde para salvar vidas.

https://news.un.org/pt/story/2020/08/1721952?utm_source=ONU+News+-+Newsletter HYPERLINK



Não há 'bala de prata' para combater COVID-19, diz chefe da agência de saúde da ONU

Não existe “nenhuma bala de prata” para combater a COVID-19, disse o chefe da agência de saúde da ONU a jornalistas na segunda-feira (3), acrescentando que “talvez nunca exista”.

O Comitê de Emergência da Organização Mundial da Saúde (OMS) reuniu-se na sexta-feira (31) para analisar o atual cenário da pandemia, no que o chefe Tedros Adhanom Ghebreyesus chamou de “um momento preocupante”.

Em uma coletiva de imprensa regular na segunda-feira (3) em Genebra, ele lembrou que, quando o Comitê se reuniu três meses atrás, a OMS havia recebido relatos de 3 milhões de casos de COVID-19 e mais de 200 mil mortes.

“Desde então, o número de casos aumentou mais de cinco vezes, para 17,5 milhões, e o número de mortes mais do que triplicou, para 680 mil.”

O Comitê observou que a interrupção de serviços de saúde está tendo impacto em uma série de outras doenças, com redução da cobertura vacinal, da realização de exames e tratamento para câncer, assim como serviços de saúde mental.

Além do impacto na saúde, a COVID-19 está causando danos sociais, econômicos e políticos, segundo o funcionário da OMS.

Medidas de mitigação

O Comitê sugeriu uma série de propostas para os países controlarem o vírus, incluindo compromisso político e liderança aprimorados para estratégias nacionais e atividades de resposta localizadas tendo como base ciência, dados e experiência.

Também reconheceu que os Estados-membros têm “escolhas difíceis” a serem feitas para reverter a epidemia.

Embora reconheça que “não é fácil”, o chefe da OMS sustentou que “quando os líderes se apresentam e trabalham intensamente com suas populações”, a doença pode ser “controlada”.

“Nunca é tarde para mudar essa pandemia”, afirmou Tedros, acrescentando que “se agirmos juntos hoje”, podemos salvar vidas e meios de subsistência.

Recomendações

O Comitê recomendou que os países participassem do Acelerador de Acesso às Ferramentas COVID-19 (ACT), assim como de ensaios clínicos relevantes, e se

preparassem para a introdução de tratamentos seguros e vacinas, disse o diretor-geral da OMS a jornalistas.

Ele também informou que algumas vacinas estão atualmente na fase três dos ensaios clínicos, compartilhando sua esperança de ter “várias vacinas eficazes”.

“Por enquanto”, explicou Tedros, “interromper os surtos se resume aos princípios básicos de saúde pública e controle de doenças”, incluindo testes, isolamento e tratamento de pacientes, além de rastrear e colocar em quarentena seus contatos.

Enquanto isso, os indivíduos devem manter distância física, usando uma máscara, limpar as mãos regularmente e tossir com segurança longe dos outros.

“A mensagem para as pessoas e os governos é clara: faça tudo isso”, afirmou, “e quando estiver sob controle, continue!”

Nesta semana, a OMS também está lançando o chamado “desafio das máscaras”, incentivando as pessoas a enviar fotos de si mesmas usando uma máscara protetora.

Além de ser uma ferramenta essencial para parar o vírus, as máscaras passaram a representar solidariedade.

“Se você é um trabalhador da saúde, um trabalhador da linha de frente, onde quer que esteja – mostre sua solidariedade ao seguir as diretrizes nacionais e usar uma máscara com segurança – seja para cuidar de pacientes ou entes queridos, usar transporte público para o trabalho ou buscar suprimentos essenciais”, insistiu Tedros.

Amamentação durante a pandemia

Para finalizar, o funcionário da ONU lembrou que esta é a semana de conscientização sobre amamentação.

Ele reiterou a recomendação da OMS de que mães com suspeita ou confirmação de COVID-19 sejam encorajadas, da mesma forma que todas as outras mães, a iniciar ou continuar a amamentar, dizendo que “os muitos benefícios da amamentação para recém-nascidos e crianças superam substancialmente os potenciais riscos de infecção por COVID-19”.

FONTE: <https://news.un.org/en/story/2020/08/1069422>



United Nations



COVID-19 Response

ONU: mundo deve ‘redesenhar’ a educação em meio à pandemia

Em meio à maior crise jamais vista na educação global, provocada pela pandemia de COVID-19, temos uma “oportunidade geracional” para “redesenhar” a área.

A avaliação é do secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, em uma mensagem em vídeo ao lançar nesta terça-feira (4) um relatório sobre o tema.

“A educação é a chave para o desenvolvimento pessoal e o futuro das sociedades. Desbloqueia oportunidades e reduz desigualdades. É o alicerce das sociedades informadas e tolerantes e o principal impulsionador do desenvolvimento sustentável”, disse Guterres.

Segundo a ONU, até meados de julho, as escolas estavam fechadas em mais de 160 países, afetando mais de 1 bilhão de estudantes. Além disso, pelo menos 40 milhões de crianças em todo o mundo não tiveram acesso à educação pré-escolar. E os pais e responsáveis – e especialmente as mulheres – foram forçados a assumir os encargos mais pesados de cuidados em casa.

Acesse o documento, em inglês.

Acesse as mensagens-chave, em português.

O secretário-geral ressaltou que, apesar da transmissão de aulas por meio do rádio, da televisão e da internet, bem como esforços dos professores e dos pais, muitos alunos continuam sem acesso.

“Alunos com deficiência, aqueles que vivem em comunidades minoritárias ou desfavorecidas, estudantes deslocados e refugiados e os que estão em áreas remotas correm maior risco de serem deixados para trás”, acrescentou.

“Mesmo para os que têm acesso ao ensino a distância, o sucesso depende das suas condições de vida, incluindo a justa distribuição de tarefas domésticas.”

A ONU destacou que o mundo já passava por uma crise aprendizagem antes da pandemia. Mais de 250 milhões de crianças em idade escolar estavam fora da escola e apenas um quarto das crianças do ensino secundário nos países em desenvolvimento saía da escola com competências básicas.

“Agora, enfrentamos uma catástrofe geracional que pode desperdiçar um potencial humano incalculável, minar décadas de progresso e acentuar desigualdades enraizadas”, disse Guterres.

O documento alerta para os efeitos indiretos: desnutrição infantil, casamento infantil e desigualdade de gênero, entre outros, preocupam a organização.

O documento lançado nesta terça (4) foi lançado junto a uma nova campanha com parceiros na área da educação e com agências das Nações Unidas, chamada “Salve nosso Futuro”.

“Estamos num momento decisivo para as crianças e os jovens de todo o mundo. As decisões que os governos e os parceiros tomarem agora terão um impacto duradouro em centenas de milhões de jovens e nas perspectivas de desenvolvimento dos países nas próximas décadas”, disse António Guterres.

O relatório pede a ação de toda a sociedade em quatro áreas principais.

A primeira é a forma como serão reabertas as escolas. Uma vez que a transmissão local da COVID-19 esteja sob controle, mandar os alunos de volta para as escolas e instituições de ensino, da forma mais segura possível, deve ser uma prioridade, disse a organização. O documento lembra que a ONU possui orientações para ajudar os governos “nesta missão complexa”.

“Será essencial equilibrar os riscos para a saúde e os riscos para a educação e a proteção das crianças, e ter em consideração o impacto na participação da força de trabalho das mulheres. É fundamental consultar pais, cuidadores, professores e jovens”, detalhe o chefe da ONU.

A segunda ação é a priorização da educação no orçamento. Antes da crise, destaca a ONU, os países de baixo e médio rendimento já enfrentavam um déficit de financiamento da educação de US\$ 1,5 trilhão de dólares por ano. Em meio à pandemia, este déficit cresceu.

“Os orçamentos da educação têm de ser protegidos e aumentados. E é fundamental que a educação esteja no centro dos esforços da solidariedade internacional, com pacotes de gestão de dívidas e de estímulos, apelos humanitários globais e assistência oficial ao desenvolvimento”, destacou o secretário-geral.

Terceiro, chegar aos que são “mais difíceis de alcançar”.

As iniciativas de educação devem procurar alcançar aqueles que correm maior risco de serem deixados para trás, disse Guterres, como pessoas em emergências e crises; grupos minoritários de todos os tipos; pessoas deslocadas e pessoas com deficiência.

“Devem ser sensíveis aos desafios específicos enfrentados por meninas, meninos, mulheres e homens e devem procurar urgentemente superar a desigualdade digital”, acrescentou.

A quarta ação pede que a educação seja “redesenhada”, uma “oportunidade geracional” que poderá dar um “salto em direção a sistemas progressistas que ofereçam uma educação de qualidade para todos como um trampolim para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável”.

Para alcançar esse cenário, disse Guterres, é preciso investimento na alfabetização digital e em infraestruturas, “uma evolução no sentido de aprender a aprender”, um “rejuvenescimento da aprendizagem ao longo da vida” e “vínculos reforçados entre a educação formal e a não formal”.

Guterres acrescenta: “E precisamos recorrer a métodos flexíveis de aprendizagem, tecnologias digitais e currículos modernizados, garantindo, ao mesmo tempo, apoio contínuo aos professores e às comunidades”.

“À medida que o mundo enfrenta níveis insustentáveis de desigualdade, precisamos da educação – o grande equalizador – mais do que nunca. Devemos tomar medidas ousadas agora, para criar sistemas educativos inclusivos, resilientes e de qualidade, adequados para o futuro.”

FONTE: <https://www.un.org/en/coronavirus/future-education-here>



UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME

Human Development Reports

Painel de dados do PNUD revela disparidades entre países na capacidade de enfrentar COVID-19

Trabalhadores comunitários promovem a conscientização sobre a prevenção da COVID-19 e distribuem kits de higiene para famílias urbanas pobres em Bangladesh.

Foto: PNUD Bangladesh/Fahad Kaize

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) lança nesta quarta-feira (29) dois painéis de dados que destacam as enormes disparidades na capacidade dos países de enfrentar e se recuperar da crise da COVID-19.

A pandemia é mais do que uma emergência global de saúde. É uma crise sistêmica de desenvolvimento humano, que já afeta as dimensões social e econômica do desenvolvimento de maneira inédita, lembrou o PNUD.

Políticas para reduzir vulnerabilidades e construir capacidades para administrar a crise, tanto no curto quanto no longo prazo, são vitais se os indivíduos e a sociedade pretendem resistir e se recuperar melhor de choques como este, salientou o organismo das Nações Unidas.

Preparo dos países para reagir à COVID-19

O “Dashboard” 1 do PNUD sobre Preparo apresenta indicadores para 189 países – incluindo nível de desenvolvimento, desigualdades, capacidade do sistema de atenção à saúde e conectividade de Internet – para avaliar o quanto uma nação está apta a responder aos múltiplos impactos de uma crise como a da COVID-19.

Embora toda sociedade seja vulnerável a crises, as habilidades de reposta diferem significativamente entre cada uma no mundo todo.

Por exemplo, os países mais desenvolvidos – aqueles de nível muito elevado em desenvolvimento humano – têm em média 55 leitos hospitalares, mais de 30 médicos e 81 enfermeiros para cada 10 mil habitantes, comparados com uma média de 7 leitos hospitalares, 2,5 médicos e 6 enfermeiros em um país de desenvolvido mínimo.

E com extensivos confinamentos, a “brecha digital” tornou-se mais significativa do que nunca, enquanto 6,5 bilhões de pessoas em todo o planeta – 85,5% da população global – ainda não têm acesso a Internet banda larga segura, o que limita sua capacidade de trabalhar e continuar sua educação.

Vulnerabilidades dos países em crises como a da COVID-19

Estar preparado é uma coisa. Mas, quando uma crise chega, quão vulneráveis estão os países a seus efeitos? O “Dashboard” 2 do PNUD sobre Vulnerabilidades apresenta indicadores que refletem a susceptibilidade dos países aos efeitos desta crise.

Aqueles que já vivem na pobreza estão particularmente em risco. Apesar dos progressos recentes na redução da pobreza, em média uma em cada quatro pessoas ainda vive em pobreza multidimensional ou está a ela vulnerável, e mais de 40% da população global não têm nenhuma proteção social.

A pandemia da COVID-19 também nos lembra que disrupções são contagiosas, desencadeando problemas em outros lugares. Em alguns países, como o Quirguistão, por exemplo, parte significativa do PIB vem das remessas de recursos. Enquanto países tão diversos entre si, como Montenegro, Maldivas e Cabo Verde, dependem fortemente do turismo (quase 60% do PIB das Maldivas, por exemplo) estão sendo atingidos profundamente pelas proibições de viagem e confinamentos

Sobre os “dashboards”

Os “dashboards” codificados por cor monitoram o nível de preparo dos países para a resposta à crise da COVID-19 e suas vulnerabilidades. Os painéis permitem agrupar parcialmente os países por indicador na tabela.

Para cada indicador, os países são divididos em cinco grupos com tamanhos aproximados, com a intenção de não sugerir limites ou valores-alvo para os indicadores, mas permitir acessar a performance dos países em relação aos outros.

Um país que está no topo (considerando cinco grupos, cada um representando 20%) tem melhor desempenho que os outros 80% dos países, e um país que se encontra na média tem desempenho melhor que os 40% da base, mas pior que os países do topo.

A codificação de cinco cores permite visualizar um agrupamento parcial de países e ajuda os usuários a distinguirem imediatamente o desempenho de um país entre o conjunto de indicadores selecionados. Os dados apresentados nessas tabelas são de fontes oficiais internacionais.

FONTE: <http://hdr.undp.org/>



Covid-19 mostrou que investimentos em água e saneamento são essenciais

Uma das medidas fundamentais no combate à Covid-19, a lavagem de mãos, é uma realidade distante para pelo menos 40% da população mundial. Este é o grupo que não têm acesso à água e sabão. Uma realidade inaceitável para a ex-relatora especial da ONU sobre água e saneamento, Catarina de Albuquerque.

Nesta entrevista à ONU News, ela afirmou que o acesso a esses serviços é uma questão, principalmente, de vontade política.

Dificuldades

“É óbvio que o Covid não vem ajudar. O Covid vem a complicar a situação já por si só complicada. Antes de o Covid começar, nós tínhamos 2,2 mil milhões, ou 2,2 bilhões no Brasil, de pessoas sem acesso à água segura, e tínhamos 4,2 bilhões de pessoas, no Brasil, ou 4,2 mil milhões nos outros países de língua oficial portuguesa, sem acesso a saneamento. E tínhamos aproximadamente 40% da população mundial sem possibilidade de lavar as mãos com água e sabão.

E, entretanto, chegou o Covid que veio a atirar mais ainda para a pobreza, aqueles que estavam na pobreza. Tornando ainda mais difícil àqueles que já tinham algumas dificuldades financeiras, de conseguir pagar contas de água, de conseguir pagar sabão, de conseguir ter acesso a esses direitos fundamentais. Portanto para que nós não percamos todas as conquistas das últimas décadas, é importante que os Estados assumam suas obrigações e deem, por exemplo, apoio às empresas públicas e privadas de prestação de serviços de água para que elas não entrem na bancarrota, para que elas consigam continuar a prestar serviços a quem não pode pagar.”

Crise

A ex-relatora lembrou que com a crise socioeconômica, gerada pela pandemia, muitos países decidiram proibir o corte de fornecimento de água a quem não pudesse pagar. Mas para ela, a crise atual também deve provocar uma reflexão generalizada sobre as leis de mercado e sobre os direitos humanos.

“Muitos países decretaram medidas de proibição de cortes de serviços d’água a quem não paga. Uma medida que me parece correta, aliás era uma medida que já deveria existir, independentemente, antes do Covid, mas pronto foi agora aprovada. Mas o que isso quer dizer? Quer dizer que temos que pensar em toda a problemática. Não é só proibir o corte, é também pensar na situação em que vão estar essas empresas, públicas e privadas, que vão deixar de ter ingressos, que vão deixar de ter receitas porque vai ter menos gente a pagar.”

A ex-relatora que agora dirige a iniciativa Saneamento para Todos afirma que prevenir é melhor que remediar, e por isso apela aos líderes internacionais que coloquem o saneamento e a água no topo de suas plataformas de governo.

O acesso à água e ao saneamento é um direito humano. Foto: Unicef/Meyer

O acesso à água e ao saneamento é um direito humano.

Vontade política

“Eu acho que isto também é uma altura de entender que a prevenção é a melhor cura. Esta é a altura de investir mais na água, de investir mais no saneamento, de investir mais na higiene porque a água, o saneamento e a higiene vão diminuir a exposição das camadas mais pobres da população ao Covid. E são a primeira linha de defesa que todos nós temos, relativamente, ao Covid. Por isso, voltamos a uma questão sobre a

qual eu tenho batido muito que é o tema da vontade política. Precisamos que chefes de Estado e de Governo que ponham a água, o saneamento e a higiene nos topos das prioridades políticas para responder não só ao Covid mas para qualquer outra futura pandemia.”

Dentre as medidas de prevenção da Covid-19 estão lavagem de mãos, distanciamento social, aplicação de álcool em gel para higiene na falta de água, e uso de máscaras de proteção quando requisitado.

FONTE:https://news.un.org/pt/story/2020/08/1721771?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=e2c7303a18-



O Índice de Resiliência a Desastres da Austrália: um resumo

O índice australiano de resiliência a desastres mede a resiliência por meio de uma combinação de fatores sociais, econômicos, ambientais naturais, ambientes construídos, governança e geográficos, fornecendo resultados espaciais (mapas) que identificam o mosaico de resiliência a desastres e os fatores que contribuem para essa resiliência, em Austrália. O Índice deve ser usado juntamente com as informações existentes, incluindo:

mapas de risco de perigo natural para examinar a interseção entre a exposição ao perigo natural predominante e o risco, e as capacidades de resiliência.

mudanças nos fatores externos e ligações, incluindo amplas tendências demográficas e econômicas, desenvolvimento regional e mudanças ambientais.

FONTE:https://www.preventionweb.net/publications/view/72957?&a=email&utm_source=pw_email

Science

O efeito da mobilidade humana e das medidas de controle na epidemia de COVID-19 na China

O surto de doença coronavírus em curso em 2020 (COVID-19) se expandiu rapidamente em toda a China. Principais intervenções comportamentais, clínicas e estaduais foram realizadas para mitigar a epidemia e prevenir a persistência do vírus em populações humanas na China e em todo o mundo. Ainda não está claro como

essas intervenções sem precedentes, incluindo restrições de viagens, afetaram a propagação do COVID-19 na China. Usamos dados de mobilidade em tempo real de Wuhan e dados de casos detalhados, incluindo histórico de viagens, para elucidar o papel da importação de casos na transmissão em cidades da China e para averiguar o impacto das medidas de controle. No início, a distribuição espacial dos casos COVID-19 na China foi bem explicada por dados de mobilidade humana. Após a implementação das medidas de controle, essa correlação caiu e as taxas de crescimento tornaram-se negativas na maioria das localidades, embora as mudanças na demografia dos casos relatados ainda fossem indicativas de cadeias locais de transmissão fora de Wuhan. Este estudo mostra que as medidas drásticas de controle implementadas na China mitigaram substancialmente a disseminação da COVID-19.

FONTE: <https://science.sciencemag.org/content/368/6490/493/tab-pdf>



UNDRR Américas e Caribe / CDEMA COVID-19 RESUMO: COVID-19, Risco sistêmico e resiliência do setor educacional na região do Caribe

A pandemia COVID-19 serviu para revelar a natureza sistêmica do risco e destacar a exposição desses sistemas a todos os perigos. Seus efeitos em cascata sem precedentes afetaram todos os setores e níveis de nossas economias e sociedades. O Relatório de Avaliação Global 2019 (GAR) e a Estrutura Sendai para Redução de Risco de Desastres transmitem a realidade de que em uma sociedade cada vez mais populosa, conectada em rede e globalizada, a própria natureza e escala do risco mudaram, a um grau que ultrapassa o estabelecido instituições e abordagens de gestão de risco.

A região do Caribe está sofrendo os efeitos do risco sistêmico à medida que testemunhamos a interação e amplificação dos diversos efeitos de vários eventos. A pandemia COVID-19 teve um impacto direto nos sistemas educacionais de todos os países da região. Os sistemas de educação têm respondido aos efeitos da pandemia COVID-19, mas também estão preparando e implementando ações para mitigar as consequências potenciais da próxima temporada de furacões - que se espera que seja mais ativa do que o normal - e outros perigos potenciais, como terremotos e tsunamis.

Os governos da região estão enfrentando desafios com capacidade limitada de resposta e agora estão usando os instrumentos de que dispõem para garantir a segurança escolar. A falta de medidas específicas de preparação para enfrentar

pandemias durante a temporada de furacões levou à improvisação e a testes em tempo real de políticas e medidas.

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/72896_covid19briefcovid19systemicriskande.pdf



O valor dos recifes para proteger as populações mais vulneráveis na República Dominicana, Jamaica e Granada

Este estudo avalia os benefícios da proteção contra inundações dos recifes para proteger as pessoas mais vulneráveis na República Dominicana, Jamaica e Granada. Tem como objetivo apoiar o trabalho sobre defesas e seguros baseados na natureza, testando abordagens para avaliar as conexões entre os benefícios das defesas baseadas na natureza e as populações socialmente vulneráveis. O estudo usou modelos hidrodinâmicos e socioeconômicos para comparar o risco de inundação e os benefícios do recife para cenários com e sem recifes para quatro períodos de retorno de tempestade, incluindo a tempestade de 1 em 50 anos. Os cenários sem recifes assumem apenas uma diminuição de 1 metro na altura e rugosidade dos recifes de coral.

Este trabalho mostra que, apesar das variações nos dados (sub) nacionais, os benefícios sociais fornecidos pelos recifes podem ser quantificados para a redução do risco de inundação. Essa quantificação ajuda a fortalecer o caso de soluções baseadas na natureza e seu papel na adaptação ao clima e gestão de risco como mais do que uma “medida sem arrependimento”. Restaurar e gerir os recifes de coral contribui de forma quantificável para a redução do risco de desastres e melhoria dos meios de subsistência e deve, portanto, ser incluído na adaptação nacional e planos de gestão de risco de desastres, particularmente nos pequenos Estados insulares em desenvolvimento tropicais, onde soluções baseadas na natureza podem ser um elemento crítico de proteção costeira.

FONTE: https://www.insuresilience.org/wp-content/uploads/2020/05/The-Value-of-Reefs_TNC_UCSC_InsuResilience-Integrated-Approaches-WG_20052020.pdf

Brasil pode liderar criação latino-americana de novos empregos na economia verde

A transição para uma “economia de emissões zero” poderá gerar até 15 milhões de novos empregos na América Latina e no Caribe até 2030, segundo um novo estudo da Organização Internacional do Trabalho, OIT, e do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Nesse cenário, o Brasil concentraria quase a metade dessas vagas com cerca de 7,1 milhões de empregos, seguido do México com 2,1 milhões.

Benefícios

Menino ajuda família a trabalhar a terra no nordeste do Brasil

Menino ajuda família a trabalhar a terra no nordeste do Brasil, Banco Mundial/Scott Wallace

A pesquisa revela que se os países da região adotarem políticas de emissões zero, poderão criar empregos dignos e construir um futuro mais sustentável e inclusivo para suas populações.

Em toda a região, a transição para uma economia mais ambientalmente correta eliminaria cerca de 7,5 milhões de posições em energia de combustíveis fósseis, extração e pecuária.

Esses trabalhos seriam, no entanto, mais do que compensados por novas oportunidades. Cerca de 22,5 milhões de empregos seriam criados na agricultura, energia renovável, silvicultura, construção e manufatura.

Dietas

O relatório também detalha o impacto de uma mudança para dietas mais saudáveis e sustentáveis, com menos consumo de carne e laticínios e mais adesão a alimentos derivados de plantas.

Cerca de 22,5 milhões de empregos seriam criados na agricultura, energia renovável, silvicultura, construção e manufatura

Segundo a pesquisa, essa transformação pode criar empregos e reduzir o impacto negativo sobre a biodiversidade. O setor agroalimentar, por exemplo, perderia 4,3 milhões de vagas na produção de gado, aves, laticínios e pesca, mas 19 milhões de novas posições seriam abertas.

Propostas

O relatório oferece ainda dicas como os países podem criar empregos dignos e fazer esta transição.

As propostas incluem políticas para ajudar os trabalhadores a mudar de setor, promoção de melhores trabalhos rurais, novos modelos de negócios, proteção social mais forte e apoio a deslocados, empresas, comunidades e trabalhadores.

Segundo a OIT, “o diálogo entre setor privado, sindicatos e governos é essencial para elaborar estratégias de longo prazo.”

Se isso for feito, a agência diz que será possível combater a mudança climática, criar empregos, reduzir a desigualdade e cumprir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ODSs.

FONTE: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/onu-news/2020/08/03/brasil-pode-liderar-criacao-latino-americana-de-novos-empregos-na-economia-verde.htm>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>